



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
affectio@antares.udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
ISSN (versión impresa): 2215-8774
Colombia

2014
Oswaldo França Neto
O AFETO NA PSICANÁLISE E AS DIFICULDADES DE SUA OPERACIONALIZAÇÃO
Revista Affectio Societatis, Vol. 11, N.º 20, enero-junio de 2014
Art. # 9
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

O AFETO NA PSICANÁLISE E AS DIFICULDADES DE SUA OPERACIONALIZAÇÃO

Oswaldo França Neto¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
oswaldofranca@yahoo.com

Resumo

Este texto, a partir dos desdobramentos teóricos que o termo afeto (e seu sucedâneo, a angústia) teve no percurso de Freud, tenta estabelecer o caráter de impossibilidade do campo a que ele se remete, e as consequências subjetivas que dele podem advir. No final, propõe uma rápida articulação, como proposta a ser desenvolvida no futuro, entre o que foi discutido e as grandes manifestações de rua, onde um sujeito coletivo pode ser aventado.

Palavras-chave: afeto, angústia, impossibilidade, subjetivação.

AFFECTION IN PSYCHOANALYSIS AND THE DIFFICULTIES OF ITS OPERATIONALIZATION

Abstract

This paper, from the theoretical developments that the term affection (and its surrogate, anguish) had in Freud's work, tries to establish the character of impossibility of the field to which it refers along with the subjective consequences that may arise. Finally, it proposes a quick articulation —a proposal to be developed in the future— between what has been discussed and the great street

1 Gradudado en Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. Magíster en Teoría Psicoanalítica y Doctor en Psicoanálisis, Universidad Federal de Río de Janeiro. Profesor asociado y director de maestría y doctorado del programa de posgrados del Departamento de Psicología de la Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil. Miembro de GT de ANPEPP, Dispositivos Clínicos em Saúde Mental. Investigador de produtividade 2 por CNPq.

manifestations, where a collective subject can be hypothesized.

Keywords: affection, anguish, impossibility, subjectification.

L'AFFECTION EN PSYCHANALYSE ET LES DIFFICULTÉS DE SON OPÉRATIONNISME

Résumé

Basé sur les développements théoriques du terme affection (ainsi que son succédané, l'angoisse) dans le parcours suivi par Freud, cet article essaie d'établir le caractère d'impossibilité du champ auquel il se rapporte, ainsi que les conséquences subjectives qui peuvent en découler. Finalement, l'article propose une articulation rapide, en tant que proposition à être développée à l'avenir, entre ce qui a été abordé et les grandes manifestations de rue, où un sujet collectif peut être suggéré.

Mots-clés: affection, angoisse, impossibilité, subjectivation.

EL AFECTO EN EL PSICOANÁLISIS Y LAS DIFICULTADES DE SU DEFINICIÓN OPERACIONAL

Resumen

Este texto, con base en los desarrollos teóricos que tuvo el término afecto (así como su sucedáneo, la angustia) en el recorrido de Freud, intenta establecer el carácter de imposibilidad del campo al cual se remite, así como las consecuencias subjetivas que pueden advenir. Al final, propone una rápida articulación, como propuesta para desarrollarse en el futuro, entre lo que se discutió y las grandes manifestaciones en las calles, donde puede sugerirse un sujeto colectivo.

Palabras clave: afecto, angustia, imposibilidad, subjetivación.

Recibido: 02/09/13

Aprobado: 20/10/13

Toda vez que um pensamento se defronta com uma impossibilidade, para que ele possa seguir seu curso, é necessário nomeá-la, e dessa forma inseri-la e desdobrá-la em seu discurso. Toda construção filosófica, ou todo constructo teórico, sustenta-se sobre um nome que ali está como representante de uma impossibilidade daquele saber. Trata-se de um nome opaco, e que serve como ponto de arrimo para o saber. Isto é, todo e qualquer saber se sustenta, ou se ancora, naquele ponto que representa seu próprio limite, ponto este que jamais pode ser elucidado de forma completa, satisfatória.

O discurso psicanalítico, enquanto campo de saber, não foge a essa regra. Nele também encontramos pontos de arrimo, indiscerníveis que, graças às suas nomeações, puderam ser desdobrados, explorados, criando os domínios daquilo que veio a se constituir como a teoria freudiana. Talvez em nenhum outro domínio como a psicanálise, a questão da indiscernibilidade, da impossibilidade do pensamento em esgotar as questões concernentes ao saber esteja tão em evidência.

Vários são os termos em Freud que poderíamos identificar como uma manifestação da impossibilidade de se esgotar o saber. Poderíamos citar, por exemplo, os conceitos freudianos de inconsciente, de pulsão ou de sexual.

Mas um dos melhores exemplos dessa nomeação meio inexplicável, opaca à conceituação, seria a significação que o termo “afeto” (que posteriormente passou a ser trabalhado sob o nome de “angústia”²) adquiriu sob a pena de Freud. A discussão implicada nos afetos evidencia as dificuldades inerentes à linguagem toda vez que esta se propõe a tematizar a interseção entre o corpo e o campo do saber. Talvez mais do que qualquer outro termo, ele representa a impossibilidade do saber de dar conta daquilo que lhe escapa.

Nós, início do século XXI, continuamos marcados por Descartes. A filosofia cartesiana determina ainda, em grande parte, a forma lógica do nosso pensamento. Descartes pensava o mundo a partir de uma oposição entre o corpo e a alma, ou, dizendo de outra forma, entre o caos (corpo) e a razão (alma). Sob essa ótica, a primeira coisa que nos vem à mente ao estudarmos os afetos seria concebê-los no registro do corpo, como aquilo que se oporia ao campo da representação, entendendo esta última como se identificando com a razão (ou alma). Ou seja, os afetos seriam o que nós temos de louco, irracional, incontrolável, sendo o objetivo da sociedade, ou da civilização, colocá-los sob a égide da razão, do bom senso. É essa inclusive a visão que, de uma forma caricatural, a cultura às vezes concebe a psicanálise. A nossa civilização, pelo menos grande parte dela, entende a psicanálise como sendo aquilo que teria desvendado as profundezas insanas da nossa razão, possibilitando com que essa insanidade pudesse vir a ser apreendida pela razão. Isto é, a psicanálise

² Na tradução original das obras completas de Freud para o português, o termo escolhido para a palavra alemã *angst* foi “ansiedade”. Ao longo deste texto vamos optar pelo termo “angústia”, que parece ser mais apropriado.

funcionaria segundo esse registro dual cartesiano, e o objetivo dela seria a supremacia da razão sobre a loucura e o caos interior.

Marcus André Vieira (Vieira, 1998) nos propõe um bom exemplo de uma manifestação, na cultura, dessa maneira de se apreender a psicanálise. Ele retira esse exemplo do cinema, de um clássico de Hitchcock de 1945 lançado no Brasil com o título “Quando fala o coração”.

Neste filme, o protagonista, vivido por Gregory Peck, acometido por uma amnésia, havia, sem saber por que, tomado o lugar de um certo Dr. Edwards, médico-chefe de uma clínica psiquiátrica, e que teria sido anteriormente assassinado. A amnésia do personagem principal o impedia de lembrar-se das razões que o haviam levado a ocupar esse cargo, e ele acaba sendo acusado da autoria do crime. Constance, uma psiquiatra vivida por Ingrid Bergaman, que se apaixona por ele, fica convencida de sua inocência (apesar de todas as evidências serem contra ele), e resolve ajudá-lo. No final do filme, após analisar seus sonhos e reviver a cena da morte do médico, o personagem principal recobra a memória e consegue provar sua inocência. Ele descobre, ao narrar a cena traumática da morte do médico para a linda doutora, que sua amnésia era decorrente do fato de se sentir responsável pela morte de seu irmão mais novo, ocorrida muito tempo atrás em circunstâncias semelhantes.

Toda a ação se desenrola a partir de certa concepção de psicanálise: um trauma do passado, em decorrência de determinadas circunstâncias, revela-se causa de uma espécie de inibição, aqui corporificada na amnésia do personagem principal. Com a ab-reação deste trauma, quando o personagem finalmente consegue recordar a cena e colocá-la em palavras, ocorre um esvaziamento de seu caráter traumático, advindo a cura do paciente. Essa forma de se entender a psicanálise estaria em consonância com uma certa “Idade de Ouro” (Miller, 1987: 57) desta, nos seus primórdios, quando bastava descobrir e contar ao paciente lembranças traumatizantes de sua infância para que ele se curasse de seus sintomas. Freud descreve bem essa Idade de Ouro no capítulo 3 do livro *Além do princípio do prazer*:

Vinte e cinco anos de intenso trabalho tiveram por resultado que os objetivos imediatos da psicanálise sejam hoje inteiramente diferentes do que eram no começo. A princípio, o médico que analisava não podia fazer mais do que descobrir o material inconsciente oculto para o paciente, reuni-lo e no momento oportuno comunicá-lo a este. A psicanálise era então, primeiro e acima de tudo, uma arte interpretativa. (Freud, 1996/1920: 29)

Porém, como Freud mesmo reconhece, essa fase teve curtíssima duração. Logo os pacientes começaram a se mostrar resistente a essa postura decifradora do terapeuta, e a técnica baseada na catarse (ou na ab-reação) foi perdendo terreno, entrando em cena rapidamente a análise das resistências e o manejo do fenômeno da transferência:

[...] um outro objetivo rapidamente surgiu à vista: obrigar o paciente a confirmar a construção teórica do analista com sua própria memória. Nesse esforço, a ênfase principal reside nas resistências do paciente: a arte consistia então em descobri-las tão rapidamente quanto possível, apontando-as ao paciente e induzindo-o, pela influência humana —era aqui que a sugestão, funcionando como “transferência”, desempenhava seu papel—, a abandonar suas resistências. (Freud, 1996/1920: 29)

Poderíamos, inclusive, afirmar que a psicanálise teria nascido com o abandono da perspectiva da ab-reação, abandono este contemporâneo ao abandono da hipnose e da crença que na sedução primária tratar-se-ia de um fato que tivesse realmente existido.

Na perspectiva da ab-reação, haveria um afeto que teria sido suprimido a partir do recalçamento da lembrança a ele ligada, ocorrendo a cura quando possibilitássemos ao paciente a possibilidade de reviver em toda a sua potencialidade esse afeto suprimido.

Essa forma de se entender a psicanálise, e que foi a que mais fortemente ficou incorporada no imaginário cultural, pode ser facilmente apreendida pela perspectiva cartesiana. Ou seja, haveria os afetos de um lado, e a razão do outro. A cura se daria com a descarga desse afeto maléfico (entendido enquanto loucura, desrazão), possibilitando assim que a razão voltasse a recobrir a lacuna deixada pelo afeto não experienciado. Estamos assim na conhecida oposição entre a substância corpórea e a substância pensante, herança de nossa perspectiva cartesiana do mundo.

Freud, a partir do momento em que abandona a ab-reação, subverte essa concepção dualista, complexificando as relações entre o que chamaríamos de corpo (sede dos afetos) e a mente (sede da razão). A separação entre os dois, antes tão nítida, começa a se mostrar difusa, e bem mais complicada.

As questões referentes aos afetos encontram-se presentes desde os primeiros trabalhos de Freud, passando da “quantidade” do *Projeto para uma psicologia científica* (1977/1895) ao conceito metapsicológico de pulsão, e ao posterior deslocamento temático dos afetos para a angústia. Vamos seguir um pouco seus passos.

Em 1893, em sua *Comunicação preliminar*, Freud (1977/1893) dá um passo decisivo para a psicanálise, ao propor que o sintoma histérico seria a consequência de um afeto que teria sido bloqueado. Isto é, um determinado acontecimento, por uma razão qualquer, não pôde ser apreendido ou significado, e o afeto a ele ligado ficaria, por assim dizer, bloqueado. Seria o que, citando Miller, chamamos de Idade de Ouro da psicanálise, onde o tratamento se baseava na ab-reação. O trauma, a lembrança e o afeto estariam aí articulados de uma forma tão clara e direta, que esta concepção de ab-reação, facilmente assimilável pela nossa perspectiva cartesiana, tornou-se o modelo de certa culturalização da psicanálise. O processo terapêutico basear-se-ia na teoria da sedução, onde a cena traumática estaria fundada em uma ação perversa do adulto sobre a criança. A superação dessa hipótese (de uma sedução que tivesse realmente

acontecido), e a passagem a uma teoria segundo a qual o trauma diria respeito a uma cena fantasiada, pode ser evidenciada pela afirmação de Freud, em 1897, quando ele diz: “Não acredito mais em minha neurótica” (Freud, 1977/1897: 350).

Porém, mesmo com o abandono da hipótese da sedução real, no que se refere ao afeto, a estrutura fundamental que daria sentido à ab-reação manteria suas ressonâncias. Outros passos ainda foram necessários para que o imaginário da ab-reação, e a consequente perspectiva cartesiana do aparelho psíquico fosse definitivamente abandonada.

Alguns autores pós-freudianos, a partir dessa perspectiva cartesiana, farão interpretações próprias do texto freudiano que poderíamos considerar como desvios do seu pensamento. Poderíamos discernir dois desvios principais. O primeiro aproximaria o afeto da energia animal, do corpo biológico, sendo o objetivo da terapia colocar essa nossa parte animal sob o império da razão, através de sua neutralização por um eu forte.

O segundo desvio faz do afeto um código primitivo, um dialeto que seria anterior às palavras, pautando-se o tratamento em decodificá-lo para o código da linguagem. Seria a perspectiva que consideraria a criança como o pai do homem. Ou seja, tanto os afetos quanto a razão consciente, tratar-se-iam na verdade de duas razões, só que decodificadas de forma diferente.

Essas duas concepções, ou desvios, subordinam-se ao enquadre cartesiano propondo como objetivo da análise a soberania da razão consciente. Porém, ao que parece, o que Freud faz é colocar em questão essa articulação cartesiana clássica entre o soma (corpo) e a psiquê (razão). Ele estabelece um limite impensável, portanto inapreensível pelo saber, na ancoragem deste saber sobre o corpo. Isto é, o corpo (ou aquilo que remete aos afetos) seria constitutivo do saber, faria parte de sua intimidade, preservando-se, no entanto, como estranho à razão. Seria uma intimidade externa, uma ex-timidade.

Nessa perspectiva, o tratamento também conduziria a uma narrativa sobre o trauma. Porém uma narrativa que, ao invés de decifrar o trauma (tarefa esta impossível, já que ele não seria assimilável pelo saber), levaria a uma nova articulação do pensamento com o trauma, sem que isso implicasse em sua eliminação. O sintoma, enquanto consequência da ancoragem do trauma no saber, ao sofrer a ação do tratamento analítico, não deixaria de existir, mas se tornaria criativo, produtor de um novo saber. O trauma, aqui, é concebido como constitutivo da linguagem, apesar de inassimilável por esta. Ele é íntimo à linguagem, mesmo preservando-se estranho a ela.

Essa concepção foge inteiramente à antinomia cartesiana, pois nesta última o trauma será sempre exterior à fala. A dicotomia, em Descartes, é irreduzível.³ Isto é, o que Freud coloca em campo é um novo modelo de relação corpo-alma, subvertendo o modelo antigo. É essa subversão que a cultura tem dificuldades em apreender.

Vamos ver um pouco mais como Freud trabalha a questão dos afetos.

A noção que o afeto ocupa na obra de Freud é singular. Embora um lugar importante lhe seja reservado em inúmeros escritos, ele dá a impressão de não ser um termo essencial no âmbito mais geral da teoria. Além de não encontrarmos uma definição evidente, ou mesmo uma descrição mais extensa dos afetos, há bastante dificuldade de se localizar uma definição propriamente metapsicológica destes. Para defini-los, Freud procurou apoiar-se quase sempre em uma noção geral, implícita, um saber comum, como se partisse do princípio de que cada um saberia o que é um afeto, ou ao menos fosse capaz de reconhecê-lo. Mesmo que possamos tematizar suas transformações, em tese, o afeto “está”, ou “não está”. Como exemplo, podemos citar o início da conferência sobre a angústia, de 1916: “A ansiedade, como tal, não há por que apresentá-la aos senhores. Cada um de nós experimentou essa sensação, ou, para expressar com maior correção, esse estado afetivo, numa ou noutra época, por nossa própria conta.” (Freud, 1976/1916: 458)

Essa recusa em dar uma descrição do afeto, e, mais do que isso, em definir o afeto a partir de sua descrição, deve-se ao fato de que defini-lo descritivamente implicaria em apoiar-se na noção de fenômeno, que ocupa uma posição delicada na teoria psicanalítica.

A psicanálise não é uma fenomenologia. Ela parte do princípio de que não há acesso do sujeito ao real que não passe pelos avatares da linguagem. Os conceitos em psicanálise não correspondem jamais a simples fenômenos observáveis, estabelecidos como universais através de uma definição de caráter descritiva. Sob a perspectiva freudiana, o fenômeno não pré-existe à linguagem, mas é a própria linguagem que o cria a partir do momento que o descreve.

Freud, então, quando é obrigado a se ver teoricamente com os afetos, esbarra em uma dificuldade quase intransponível. Pois se o afeto, de certa forma, é aquilo que escapa à linguagem, e toda definição, por princípio, está no campo da linguagem, como tematizá-lo? Como descrevê-lo?

³ Alain Badiou, em livro recente, propõe que Descartes conceberia um terceiro termo, exterior aos outros dois, que seria a verdade. Esta última, apesar de não ser substancial (em oposição aos dois outros termos da clássica dualidade cartesiana, que seriam a substância pensante e a substância corpórea ou estendida), não deixaria também de existir (Badiou, 2006: 13). Nesse livro, Badiou estabelece o conceito de “dialética materialista”, onde a verdade seria o terceiro termo, em situação de exceção aos corpos e às linguagens. Não é difícil de identificar a consonância entre essas elaborações de Badiou e o que estamos propondo aqui.

Apesar de já fazer parte de seus pensamentos desde a origem de seus trabalhos, Freud só chega a dar uma definição mais explícita do afeto nos artigos metapsicológicos de 1915, forjando algumas ferramentas conceituais necessárias a sua abordagem. Trata-se de um momento onde reformulações profundas na teoria sobre as pulsões estão se impondo. Momento onde as questões econômicas voltam com toda a força aos pensamentos de Freud. Porém, logo após propor uma definição para os afetos, estes passam a tornar-se inexplicavelmente cada vez menos presente nos textos freudianos. Do lugar essencial que possuíam nos primeiros escritos, chegam quase à ausência nos últimos. Basta percorrer o índice geral da Edição Standart Brasileira para confirmar isso. De 71 referências ao afeto nos 3 primeiros volumes a 8 para os 3 últimos volumes.

Por outro lado, caminhando em sentido inverso, a angústia torna-se cada vez mais prevalente nos pensamentos de Freud. Ele volta várias vezes a ela para tratá-la de maneira específica e para investigar suas causas. Tudo se passa como se houvesse ocorrido uma substituição na teorização freudiana sobre o afeto, que, a partir de então, volta-se para a angústia.

Concomitantemente, observamos uma inversão radical na teoria da angústia (e conseqüentemente do afeto), inversão esta assinalada pelo próprio Freud. O texto *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1976/1926) serve de ponto de divisão fundamental, assinalando a introdução da segunda teoria da angústia.

Antes de abordarmos esse texto, porém, vamos retornar a uma fase mais inicial.

O *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1977/1895) marca o acabamento de todo um período percorrido por Freud no sentido de tematizar o afeto em termos de uma energia objetivável. Este enorme e último esforço de síntese escrito no final do século XIX será abandonado em favor das descobertas da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1972/1900). Não se trataria nessa mudança, como dizem alguns, do abandono de uma perspectiva fisiologista por uma perspectiva psicológica. O que ocorreu foi um descentramento do foco. Com a *Interpretação dos sonhos* Freud foi invadido pelo funcionamento simbólico do aparelho. Ele descobriu os símbolos, com seus trocadilhos, deslocamentos, condensações, jogos de palavras, funcionando de forma autônoma nessa máquina de sonhar que é o aparelho psíquico. O que passa a lhe interessar, o que para ele se torna enigma, serão os significados, os jogos de palavra. Segundo Freud, os afetos envolvidos nos sonhos não mudam, continuam os mesmos. Não há o que interpretar deles. O que muda, o que se esconde, que se deve procurar são as significações, os símbolos, as palavras: “Se eu temer ladrões num sonho, os ladrões, é verdade, são imaginário —mas o medo é real. [...] a análise revela-nos que o material ideacional passou por deslocamentos e substituições, ao passo que os afetos permaneceram inalterados.” (Freud, 1972/1900: 492)

Ou seja, o que faz questão nos sonhos não são os afetos. Eles não se escondem. O que faz questão, aquilo que nós devemos buscar, pesquisar, é o jogo de esconde-esconde de nossa máquina de símbolos. A questão energética, desse modo, que fora a tônica até então, é relegada para o segundo plano. A descoberta dos sonhos tomou Freud de tal forma, que ele só foi retomar a questão energética, o plano econômico, cerca de 20 anos depois, quando publicou o *Além do princípio do prazer* (Freud, 1996/1920).

Os textos metapsicológicos de 1915, poderíamos dizer, teriam sido a ante-sala, um momento de preparação para a virada de 1920. Neles Freud faz um grandioso esforço de elaboração, tentando conciliar, articular sua máquina de sonhar, com a concepção do afeto que ele tinha trabalhado em seus primeiros escritos.

Com o *Além do princípio do prazer*, Freud retoma com toda a força a questão econômica, mas de uma forma diferente. Neste momento, em vez de um sintoma vinculado a um afeto reprimido, ou dizendo de outra forma, em vez de pensar o afeto como uma quantidade de energia que busca a descarga, Freud vai tematizar a questão econômica pelo viés da compulsão a repetição. Esta, ao contrário da primeira concepção dos afetos, não se baseia na busca do prazer pelo meio da descarga. Ela está além do princípio do prazer. Ela se satisfaz no sofrimento, no acúmulo, e não na descarga.

Foi necessário todo um percurso pelo mundo do símbolo, da linguagem (*Interpretação dos sonhos*), para que Freud passasse de sua teoria econômica pautada na busca do prazer pela descarga, para um registro que se opõe fundamentalmente a essa primeira teoria. Um registro que se satisfaz sem se descarregar, que se satisfaz no sofrimento.

Essa mudança de perspectiva da questão econômica dos primeiros trabalhos de Freud para os trabalhos escritos após 1920, vai descentrar também, como vimos, o foco da discussão sobre os afetos. Estes quase que desaparecem sob a pena de Freud, restando apenas a angústia. É esta, dentro da categoria dos afetos, seria a mais pura, ou seja, a menos significantizável.

Desde o início, no *Rascunho E* (1997/1894), onde a angústia seria concebida como a transformação direta da excitação somática acumulada devido à ausência de descarga, a angústia aparece como uma espécie de “moeda corrente” dos afetos, dado que todo afeto pode se transformar em angústia. Progressivamente, e principalmente com a entrada em cena do conceito de libido, ela não será mais concebida como o produto da transformação direta da energia somática, mas teria como sua origem a própria libido. Não se trataria mais de uma energia indiferenciada, de uma energia qualquer; a angústia seria produto da transformação da libido. A partir daí, Freud vincula definitivamente a angústia ao recalque, colocando-a como um resultado, ou uma consequência deste. O sintoma seria uma formação que teria como objetivo proteger o eu da carga de energia que estaria vinculada à representação traumática, e com o recalque essa energia se transformaria em

angústia. Essa é, em termos gerais, a primeira teoria da angústia (e dos afetos) que será formulada em termos econômicos em 1915. Ou seja, o papel da angústia se definiria com relação ao recalque e à libido:

Um dos resultados mais importantes da pesquisa psicanalítica é esta descoberta de que a ansiedade neurótica se origina a partir da libido, que é o produto de uma transformação desta e que, assim, se relaciona com ela da mesma forma que o vinagre com o vinho. (Freud, 1972/1905: 231)

Essa simples substituição da noção de energia neuronal/somática dos primeiros escritos, pelo conceito de libido, comporta uma verdadeira revolução. Freud estaria aqui vinculando definitivamente a angústia (e os afetos) com o desejo.

Outro dado importante nessa primeira teoria da angústia foi a ênfase que se passou a dar à questão do “perigo”. A substituição da energia somática pela libido vai colocar em relevo a idéia de “perigo”, idéia esta profundamente ligada ao recalque. Isto é, o recalque se dá sempre sobre uma representação que oferece perigo devido à sua carga libidinal; em consequência da ação do recalque, adviria a angústia.

A passagem progressiva de uma concepção de angústia ligada a ausência de descarga da excitação sexual (1894) para uma concepção de angústia ligada ao perigo, se consolida na segunda teoria da angústia, que vai se corporificar no texto *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1976/1926). Freud reafirma a importância dessa mudança em 1933:

Ao mesmo tempo que essa nova visão, em especial a função da ansiedade como sinal que anuncia uma situação de perigo [...], assume proeminência, perde interesse a questão de saber qual é o material de que é feita a ansiedade, e as relações entre ansiedade realística e neurótica se tornaram surpreendentemente claras e simples. (Freud, 1976/1933: 108)

Situação de perigo é toda aquela que evoca a possibilidade da dissolução, miticamente situada em um momento de desamparo fundamental. É por esta razão que Freud usa o termo “sinal” para definir a função da angústia:

A conclusão a que chegamos, portanto, é esta. A ansiedade é uma reação a uma situação de perigo [...] Pode-se dizer que se criam sintomas de modo a evitar a geração de ansiedade. Mas isto não atinge uma profundidade suficiente. Seria mais verdadeiro dizer que se criam sintomas a fim de evitar uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de ansiedade. (Freud, 1976/1926: 152)

A partir do texto de 1926, em uma mudança aparentemente sutil, porém fundamental, é a angústia que passa a convocar o recalque e não o contrário, tomando-se, portanto, logicamente anterior a ele. A castração deixa de ser localizada historicamente, sendo elevada à categoria de dado de estrutura. A partir deste ponto, ao considerarmos que castração é o nome da insistência estrutural da ameaça de dissolução, tanto ela quanto o perigo são termos que nomeiam o caos ao qual o afeto de angústia dá a forma de um sinal.

A angústia, nesse texto, aparece como âncora clínica. É a partir desta âncora que Freud, retomando o caso Hans, traça uma estrutura comum para os diferentes tipos de neuroses, partindo da premissa de que todas elas seriam maneiras de lidar com a castração. A partir daí, a diferença entre as neuroses será referida às diferentes respostas sintomáticas à castração que elas manifestam. Neste sentido, Hans não era neurótico porque teve que se haver com a ameaça de castração vinda do pai (que inclusive era doce e passivo). Ao contrário, Hans era fóbico porque encontrou uma maneira singular de lidar com a castração, em que a angústia é circunscrita em uma representação específica da castração e transforma-se em medo. Estar abandonado sem a mãe é estar abandonado à mercê da mãe. Estas duas situações, na verdade, são a mesma. A castração não é uma proibição violenta que traumatiza, mas sim a marca que faz do caos inicial um perigo a ser recalçado.

A angústia e os grandes movimentos sociais – interlocução possível?

A partir do exposto acima, e apenas como sugestão de uma pesquisa possível, poderíamos aventar que, para a psicanálise, tematizar o afeto (ou angústia) em termos sociais seria tematizar as condições de subjetivação de um movimento coletivo qualquer. Freud, em um dado momento, nos diz que:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que á primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. [...] de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1996/1921: 81)

Uma aproximação desse tipo apenas é possível a partir do momento em que apreendamos o social no que dele se deixa operacionalizar como sendo da ordem do subjetivo, onde a questão do sujeito se torna fundamental.

Poderíamos propor que, a partir de um acontecimento social ou político inexplicável, insignificantizável, capaz de canalizar e colocar em evidência um excesso antes não claramente evidenciável e que aproximáramos da angústia (afeto), carregaria como consequência uma urgência à nomeação e uma proliferação de desdobramentos não previsíveis, onde um corpo subjetivo, no caso um coletivo social, passaria a existir. Esse movimento, por ser determinado por algo que escapa ao significado, para existir, deve necessariamente ser estranho a qualquer forma instituída, ou seja, deve ser estranho ao Estado, entendendo-se ser este último, por definição, como sendo uma organização conservadora, estruturada sempre no sentido de tentar ao máximo preservar o statu quo onde se apresenta como soberano. A angústia, que está na gênese de qualquer subjetivação, implica no rompimento de organizações e hierarquias, instituindo o novo. Esse movimento subjetivo, determinado por uma angústia, é, na verdade, uma urgência à significantização, reflexo da impossibilidade da estrutura vigente em dar conta do acontecimento que a invade.

O afeto, ou angústia, é causa e não consequência de um movimento social. Ele é, em última instância, o responsável por todas as transformações sociais, onde algo que poderíamos entender como sendo do registro de um sujeito coletivo, surgindo aparentemente de forma meio inexplicável, e impulsionado por razões um tanto quanto intangíveis, desarticula o que começava a não mais funcionar, reorganizando moral e costumes, e carreando consigo a possibilidade de uma nova ordem social.

Referencias bibliográficas

- Badiou, A.** (2006). *Logiques des mondes*. Paris, França: Seuil, 2006.
- Freud, S.** (1977). Comunicação preliminar. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. I, pp. 207-17). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- Freud, S.** (1977). Rascunho E. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. I, pp. 261-9). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado provavelmente em 1894)
- Freud, S.** (1977). Projeto para uma psicologia científica. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. I, pp. 381-517). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original escrito em 1895 e publicado em 1950)
- Freud, S.** (1977). Carta 69. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. I, pp. 350-3). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original de 1897)
- Freud, S.** (1972). A Interpretação de sonhos. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. IV e V, pp. 1-665). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S.** (1972). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. VII, pp. 135-250). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S.** (1976). Conferência XXV – A Ansiedade. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. VI, pp. 457-479). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S.** (1996). Além do princípio do prazer. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. XVIII, pp. 13-75). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S.** (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. XVIII, pp. 79-154). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S.** (1976). Inibição, sintoma e ansiedade. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. XX, pp. 95-300). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S.** (1976). Conferência XXXII. Ansiedade e vida instintual. Em J. Strachey (Ed.) e C. M. Oiticica (Trad.) *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (V. XXXII, pp. 103-138). Rio de Janeiro, Brasil: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Miller, J-A.** (1987). *Percurso de Lacan. Uma introdução*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Vieira, M. A.** (1998). *L'éthique de la passion*. Rennes, França: Presses Universitaires de Rennes.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article / Para citar este artigo (APA):

França Neto, O. (2014). O afeto na psicanálise e as dificuldades de sua operacionalização. *Revista Affectio Societatis*, Vol. 11, N.º 20 (enero-junio 2014), pp. 108-120. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>